FRONTEIRAS
REVISTA DE HISTÓRIA
OPEN ACCESS
PPGH Programa de Pós-Graduação em História
DOI: https://doi.org/10.30612/frh.v27i50.21556

Entre as veredas do Sertão no Mato Grosso -Século XIX

Resenha da obra:

BARBOSA, Pablo Antunha; CHAMORRO, Graciela & LANGER, Protasio Paulo. *O Sertão e suas veredas: fontes para a história indígena do antigo sul do Mato Grosso e regiões adjacentes (1829-1871)*. São Leopoldo/RS: Oikos editora. 2024.

Drª. Jane Felipe Beltrão
Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) Belém, Pará, Brasil
janebeltrao@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-2113-043X

Ultrapassar as perenes discussões sobre se a História deve se deixar impregnar pela Etnologia ou se a Antropologia deve dar maior atenção à História é um dilema que penso foi superado por Pablo Antunha Barbosa, Graciela Chamorro e Paulo Protásio Langer em O Sertão e suas veredas: fontes para a história indígena do antigo sul do Mato Grosso e regiões adjacentes (1829-1871).

O trabalho é extraordinariamente bem urdido. Os autores dispõem os fios da História sem esquecer de cardar delicadamente os documentos que vão sendo apresentados ao longo das 336 páginas do livro, penteados com informações sobre a importância de cada "escrito/documento" sejam eles: cartas, diários de viagem, novelas, álbuns iconográficos e mapas. Documentos que foram devidamente separados e classificados, e mereceram reflexões de diversas/os autoras/es desembaraçando-os fio a fio para oferecer as/aos leitoras/es um tecido que conversa com a importância da Etnografia de papéis, como costumo chamar o trabalho reflexivo a partir de corpus documentais.

O trabalho elucida – no sentido produzir reflexão – sobre as múltiplas colonialidades que persistiram, no antigo Mato Grosso e seus arrabaldes, as quais trazem consigo as fronteiras forjadas ao longo dos séculos dentro do território do chamado Brasil parte "centro-oeste e meridional" e para além dos limites do mesmo espaço social, apontando as disputas que "ignoravam" as diversas nações indígenas donas da terra, povos que sofreram com as atrocidades promovidas pelas "mãos brancas" via entradas e bandeiras, guerras, chamadas justas, que rasgavam o Sertão, as entranhas do hoje Brasil, desde a invasão europeia "preando"/apreendendo os indígenas.

O trabalho foi executado ao longo de 14 anos, pensado que foi em 2010, e envolveu grande número de pessoas, entre profissionais e estudantes contam-se 25 autores, profissionais que, via múltiplos acordos, contaram com 20 instituições que ofereceram apoio e colaboração ao empreendimento acadêmico.

O trabalho conta com um prólogo escrito por Isabelle Cambès que abre a edição aponta às/aos leitoras/es a importância e a riqueza dos "tempos de ontem" e dos "tempos que virão" como possibilidade de compreender o nosso presente, a nossa prática, valorizando assim o trabalho das/os historiadoras/es empenhados em

BY NC SA

trazer a lume documentos ímpares da História Sul-Mato-Grossense e suas vizinhanças.

Na sequência a organizadora e os organizadores do trabalho apresentam detalhadamente o "livro de fontes", como chamam seu trabalho, mais o livro vai além das fontes, pois é produzido em uma fina malha que oferece realce às fontes selecionadas durante o empreendimento. Assim sendo, traz a público, por intermédio de arguta discussão sobre os documentos recolhidos que indicam o "... gradativo processo de incorporação das terras do sul do Mato Grosso ao recém-constituído Império do Brasil" (Barbosa, Chamorro & Langer, 2024, p. 13). Afinal, "[a] ruptura política com a metrópole, sabemos, não alterou o caráter colonial das práticas em relação à alteridades autóctones" (Barbosa, Chamorro & Langer, 2024, p. 13).

Pablo Antunha Barbosa abre a primeira parte do livro com um instigante ensaio que confirma o que digo da tecitura do trabalho. Ele enfrenta uma questão muito cara à Etnologia Indígena a discussão sobre os Guarani e sua expansão que a partir de seus estudiosos como Curt Nimuendaju, passando por Alfred Métraux, chegando aos "guaraninólogos" que ele considera mais modernos como León Cadogan, Egon Schaden, Hélène Clastres e Pierre Castres colocando foco em: "terra sem mal", "civilização tupi guarani" contrapondo o mito Tupi Guarani ao mito "antropológico", sem tomar partido, apenas problematizando as polêmicas do campo da Antropologia que invade a História e vice-versa.

Chamo atenção que Barbosa sobrepõe os tecidos resultantes da busca por fontes e vai encontrando os vazios e os preenchimentos a partir de problematizações bem amarradas pelo tear da História, usando o trabalho de João Henrique Elliot como se fosse ou quem sabe sendo a "biblioteca invisível" de Curt Nimuendaju, brindando leitoras/es com um fantástico ensaio de Antropologia Histórica juntando perspectivas que, no mais das vezes, os estudiosos esquecem. Dessa maneira o fundamento religioso da expansão Guarani que pode ser anunciada pelos sonhos faz emergir a expulsão dolorosa de seus territórios originais. "Nem a terra nem o mar" nos ensina Barbosa que transforma, o antes um emaranhado de fios, que ele carda

BY NC SA

com maestria, anunciando a necessidade de não se deixar trair pela causa única. A História e a Antropologia requerem visão estereoscópica.

A documentação recolhida comporta além dos escritos da primeira parte da obra, uma segunda parte dedicada às fontes históricas. É nesse segundo espaços que, na condição de leitora, encontro textos de cartas, diários, novelas, aquarelas e mapas acompanhados de primorosas descrições da época, permitindo novas interpretações dos fatos apresentados pelas ditas fontes. Barbosa, Chamorro e Langer proporcionam ao público explicações sobre os documentos que indicam inclusive as circunstâncias da seleção problematizando as questões que podem ou não facilitar a contextualização do fato.

O dia a dia inscritos nas cartas, nos diários e nos itinerários nos aproximam do cotidiano do século XIX e permitem compreender as dificuldades das pessoas que adentravam o Sertão, pois as veredas apresentavam dificuldades inimagináveis a quem hoje transita em muitas estradas do Mato Grosso do Sul. Os documentos oferecem, ainda, uma visão sobre quem são as pessoas que se aventuravam por razões diversas a chegar nos confins do Sertão. Dizem muito de sua recepção ao chegarem nos lugares e das surpresas que o etnocentrismo proporcionava aos "aventureiros" e suas caravanas. A coleção de estereótipos é um dado importante, pois permite ver o empoderamento dos colonos e ao mesmo tempo a dependência dos mesmos em relação aos nativos.

A incompreensão entre os brancos e os povos indígenas é fragrante em quase todos os "encontros invasivos" quando os "sertanistas" tentavam "dar lições aos nativos", como informa Joaquim Francisco Lopes:

> "[t]omando então um ar grave, como o caso pedia, fiz ver ao cacique que os índios que haviam acompanhado Barbos e seus companheiros os haviam assassinado, roubado e estragado o que eles conduziam em sua canoa. Disse-lhe que nosso governo mandava castigar a nós outros quando fazíamos mal a sua gente, e que assim ele devia entregar os assassinos, para exemplo, e para que todos não ficassem com a nota de matadores" (Barbosa, Chamorro & Langer, 2024, p. 171).

BY NC SA

A narrativa prossegue e os equívocos se sucedem, os brancos se pensam professores e usam de normas e procedimentos desconhecido pelos povos indígenas, pois ignoram a agressão que fazem aos donos da terra e tomam a reação dos indígenas como ofensa às normas ditas civilizadas. Deixo às/aos leitoras/es a leitura do desfecho e a possibilidade de novas interpretações.

E possível, se deleitar com um álbum iconográfico que traz desenhos de plantas de parte das províncias do próprio Mato Grosso e do Paraná, que apresenta detalhadamente a bacia hidrográfica da região alcançando os limites da República do Paraguai. Os desenhos são acompanhados de descrição corográfica feita por João Henrique Elliott. É uma preciosidade que urdida com os mapas atuai permite ver quão argutos eram esses profissionais do passado.

Na sequência temos uma sucessão de aquarelas que retratam aldeamentos implementados por beneméritos e ordens religiosas; povos indígenas em movimento pelo território; registros dos acidentes geográficos a partir de diversas viagens feitas ao interior das províncias anteriormente referidas. O material contante da sessão foi fotografado com cuidado por Alexis Zelensky. As reproduções nos permitem trabalhar locais de moradia permanente ou provisória dos povos indígenas e colonizadores, analisar padrões de moradias da época; identificar alguns dos exemplares da flora presentes nos espaços sociais de forma detalhada, pois muitos dos desenhos são mapas que deixam a reflexão à flor da pele.

A obra é concluída com a apresentação de 12 mapas executados de forma meticulosa pela pena aquarelada de João Henrique Elliot, aliás esse escriba, desenhista e cartógrafo com o seu diligente trabalho nos permite conhecer muito do mundo do novecentos sobre o Mato Grosso e adjacências, o trabalho é um excelente "varadouro" que faz a conexão entre rios, veredas e, ainda, entre o autor e as/os acadêmicas/os que o leem.

A descoberta da "mina aurina" para usar uma expressão do século XIX devemos a Barbosa, Chamorro e Langer e colaboradoras/es. Espero que trabalhos do mesmo quilate venha a público com maior frequência, pois rigor acadêmico deve ser fonte de inspiração para as/os profissionais do campo das humanidades.

BY NC SA